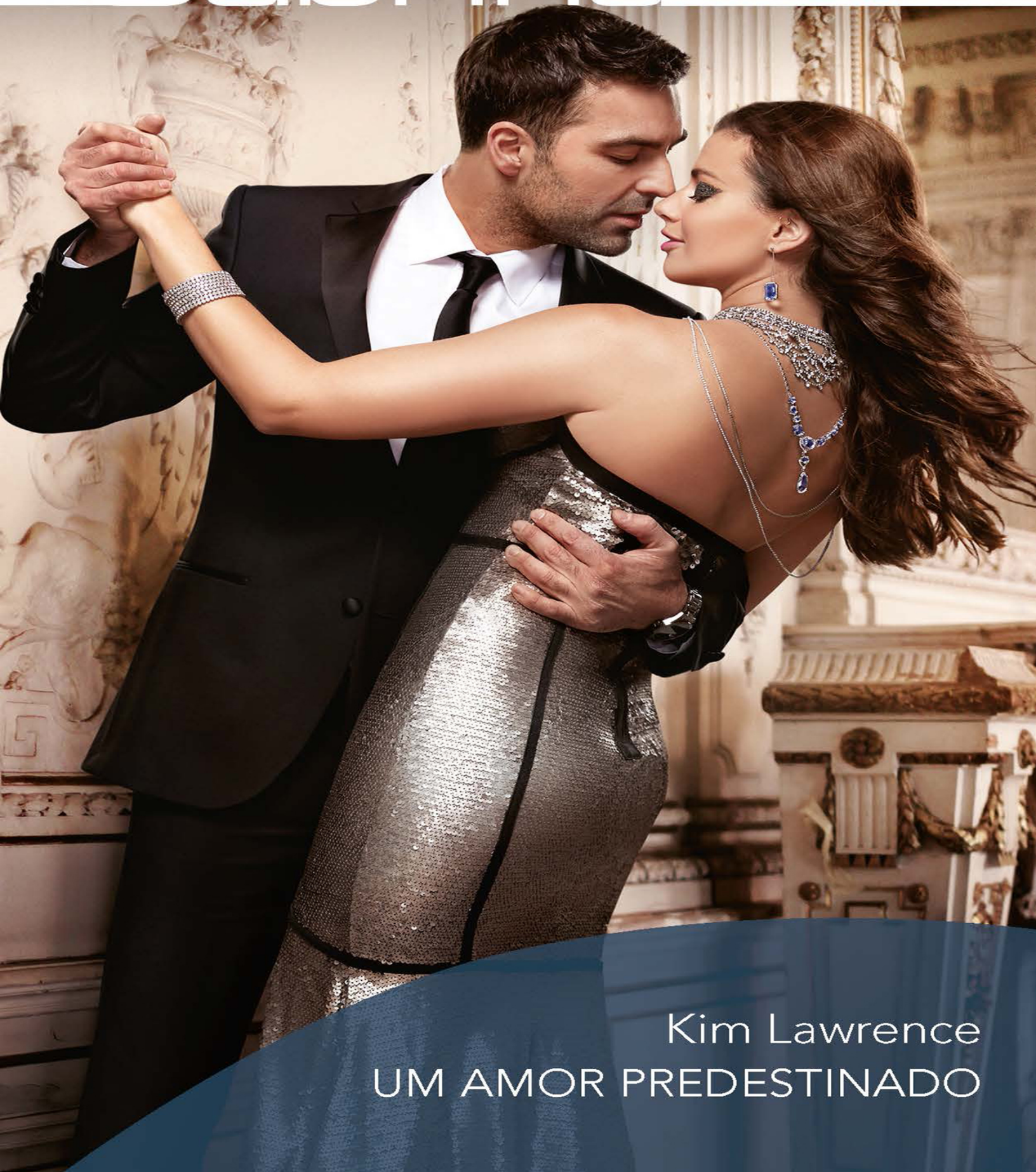


 HARLEQUIN®

Sabrina®



Kim Lawrence
UM AMOR PREDESTINADO

____Sabrina____

UM AMOR PREDESTINADO

Kim Lawrence



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2019 Kim Lawrence
© 2021 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Um amor predestinado, n.º 1855 - abril 2021
Título original: A Passionate Night with the Greek
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os
de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, carateres, lugares e situações são produto
da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança
com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais),
feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades
de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais,
utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes
y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises
Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1375-482-6

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Capítulo 1

Enquanto estava no trânsito, Zach recebera finalmente a mensagem que esperava. Por sorte, conhecia bem as ruelas de Atenas, porque, na sua juventude, tivera de aprender a sobreviver nelas, servindo-se do seu engenho. Uma opção mil vezes preferível a viver com a avó, ressentida por ter de lidar com um neto bastardo, e com o tio bêbado, que o maltratava.

Embora fosse provável que lhe passassem alguma multa por conduzir demasiado depressa, demorou menos de meia hora a chegar ao hospital. Entrou pelo pavilhão das urgências e uma das rececionistas disse que avisaria o médico e pediu-lhe para esperar. Alekis estivera três dias num coma induzido depois de terem conseguido ressuscitá-lo quando tivera uma paragem cardíaca.

No dia anterior, como era o mais parecido com um amigo ou familiar que o idoso tinha, estivera presente quando lhe tinham retirado os medicamentos que o mantinham em coma. E, apesar dos avisos do médico de que havia a possibilidade de não chegar a acordar, não perdera a fé.

Quando o médico apareceu, cumprimentaram-se com um aperto de mãos e Zach cerrou os dentes e esperou, expectante, para ouvir o que tinha para lhe dizer.

- O senhor Azaria acordou e retirámos a respiração assistida - começou a dizer o homem, com cautela.

Impaciente com essa informação tão lenta, Zach, que receava o pior, interrompeu-o e pediu:

- Olhe, fale sem rodeios.

- Está bem. Não parece que haja problema com as suas capacidades cognitivas e o seu comportamento é normal.

Zach respirou fundo. Uma incapacidade intelectual teria sido o pior pesadelo de Alekis e também o dele.

- Normal, no caso de, antes de ser internado, já ser bastante... mandão e suscetível - acrescentou o médico, com ironia.

Um sorriso apareceu nos lábios de Zach, relaxando as suas feições.

- Sim, bom, costuma ser ele a dar as ordens. Posso vê-lo?
O cardiologista assentiu.

- Está estável, mas espero que compreenda que é cedo para saber se está fora de perigo - avisou.

- Entendo.

- Muito bem. Venha por aqui.

Tinham mudado Alekis da unidade de cuidados intensivos para um quarto individual. Zach encontrou-o sentado, apoiado em alguns almofadões. Embora tivesse má cara, a sua voz era forte e clara. Zach ficou na soleira da porta por um instante, com um sorriso divertido nos lábios devido à cena que se desenvolvia à frente dele.

- Não sabe o que são os direitos humanos? Farei com que a despeçam! - gritava o idoso para a enfermeira. - Quero o meu maldito telemóvel!

A mulher parecia muito calma, apesar das exigências e ameaças de Alekis.

- Não estou autorizada a fazer isso, senhor Azaria.

- Faça com que venha alguém autorizado para tomar essas decisões ou... - Ao ver Zach, Alekis não acabou a frase e disse: - Graças a Deus! Anda, empresta-me o teu telemóvel. E um copo de brande também seria ótimo.

- Receio que o tenha perdido - mentiu Zach.

O idoso soprou.

- Isto é uma conspiração contra mim! - resmungou. - Bom, senta-te. Não fiques aí parado ou vou ficar com um

torcicolo de levantar a cabeça para olhar para ti.

Enquanto a enfermeira saía, Zach sentou-se na poltrona junto da cama e esticou as pernas para a frente, cruzando um tornozelo por cima do outro.

- Pareces...

- Não digas que tenho bom aspeto. Estou com um pé aqui e outro na sepultura - interrompeu Alekis, com impaciência. - Mas ainda não vou morrer. Tenho coisas para fazer e tu também. Imagino que tenhas o teu telemóvel, não é?

O alívio que Zach sentiu ao ver que continuava a ser o mesmo de sempre desapareceu ao observar como a mão frágil estendida para ele tremia. Tirou o telemóvel do bolso e disfarçou a preocupação enquanto procurava as fotografias que tirara há alguns dias para o idoso na pasta de imagens.

- Diz-me, quanto tempo achas que demorarão a saber que estou aqui e a começarem a rondar-me como tubarões? - perguntou Alekis, com sarcasmo.

Zach levantou o olhar do ecrã.

- Quem sabe?

- Sim. Ou seja, temos de nos concentrar no controlo de danos.

Zach assentiu.

- Pelo menos, se tiveres outro enfarte, estás no lugar adequado - troçou, com ironia. - Bom e, agora, espero que me digas porque me mandaste a um cemitério de Londres para perseguir uma desconhecida.

- Não te pedi para a perseguires, mas para tirares uma fotografia.

Aquela correção fez Zach esboçar um sorriso.

- Claro, há uma grande diferença. Na verdade, sinto curiosidade: Passou-te pela cabeça que poderia ter-te dito que não?

No dia em que Alekis lhe ligara para lhe pedir aquele favor tão pouco comum, ele estava em Londres a dar uma

palestra num congresso financeiro internacional prestigioso.

- Queres que vá onde e que faça o quê?! - perguntara, sem acreditar nos seus ouvidos.

- Já me ouviste - replicara Alekis. - Dá a morada da igreja ao teu motorista. O cemitério é à frente. Uma jovem vai chegar por volta das quatro e meia. Só quero que lhe tires uma fotografia.

Antes de dar o telemóvel ao idoso, Zach aconselhou:

- Tenta não ter outro enfarte desta vez.

- Não tive um enfarte porque estava à espera que me mandasses essa fotografia, mas por setenta e cinco anos de excessos, segundo os médicos, que dizem que já devia estar debaixo da terra há algum tempo. Também dizem que se, quiser durar mais uma semana, devia privar-me de tudo o que dá sentido à vida.

- Tenho a certeza de que to disseram com muito mais tato.

- Não preciso que me tratem como uma criança! - protestou Alekis.

Zach deu-lhe o telemóvel e o idoso ficou a olhar para o ecrã.

- É linda, não é? - murmurou.

Zach não achou que valesse a pena responder a isso. A beleza da jovem que fotografara era inegável. De facto, preocupava-se com o fascínio, muito perto da obsessão, que despertara nele. Não conseguia parar de pensar naquele rosto. Contudo, percebera que não se sentia fascinado com o rosto ou aqueles olhos ambarinos, mas com o facto de desconhecer a sua identidade, com o mistério que envolvia todo aquele assunto.

- Estou sempre disposto a dar uma ajuda a um amigo quando precisa - disse a Alekis. - Mas suponho que, para me teres pedido esse favor, deves ter perdido toda a tua fortuna e não podias contratar um investigador privado

para tratar disto – troçou, com ironia. – Como sabias que iria lá às quatro e meia?

Alekis levantou o olhar e observou-o como se se irritasse com uma pergunta tão óbvia.

– Porque mandei segui-la durante duas semanas – esclareceu. – E tinha as minhas razões para não querer pedir isto a outra pessoa. De facto, o tipo que contratei era um idiota.

– Mandaste segui-la?

– Sim, era um inepto. Tirou algumas fotografias, a maioria com ela de costas ou por baixo dos candeeiros da rua. E achas que pensou em fazê-lo com dissimulação ou de um esconderijo? Não. Ela percebeu e ameaçou denunciá-lo por assédio. E até lhe tirou uma fotografia com o telemóvel e bateu-lhe com a mala – resmungou Alekis. – Viu-te?

– Não. De facto, estou a pensar em dedicar-me à espionagem. Embora não soubesse que se tratava de uma missão de risco. E diz-me, quem é essa rapariga tão perigosa?

– A minha neta.

Zach espantou-se e observou-o. Não esperara aquilo!

– A mãe também era linda... – murmurou o idoso, alheio à sua reação, levantando o telemóvel com a mão trémula para ver melhor a fotografia. – Diria que os seus lábios são como os da Mia. – Levantou o olhar para Zach. – Sabias que tive uma filha?

Zach assentiu em silêncio. Lera, nos jornais, a história sobre «a filha rebelde de Alekis Azaria». Dizia-se que se juntou com más companhias e que caíra nas drogas, mas não voltara a vê-la desde que se casara contra a vontade do pai e dizia-se que a deserdera.

Era a primeira vez que Alekis mencionava que tivera uma filha e que tinha uma neta. De facto, era a primeira vez que o ouvia a falar de alguém da sua família, de quem não sabia nada, à exceção de que fora casado, pelo retrato da esposa, falecida há anos, que havia na sua mansão.

- Casou-se com um perdedor, um tipo chamado Parvati. Acho que se precipitou para os seus braços para me incomodar - murmurou Alekis. - Avisei-a de que era um inútil e um preguiçoso, mas achas que me ouviu? Não. E, quando ficou grávida, abandonou-a. Teria bastado que me pedisse... - Abanou a cabeça, visivelmente cansado depois desse arrebatamento emocional. - Sempre foi uma teimosa...

- Ora, tal pai, tal filha - observou Zach.

O idoso olhou para ele com o sobrolho franzido, mas o aborrecimento dissipou-se e deu lugar a um pequeno sorriso de orgulho.

- Sim, a Mia tinha muito caráter - murmurou.

Até então, Zach achara que Alekis não tinha família, tal como ele, e era uma das coisas que o tinham unido a ele. Contudo, agora, percebia que tinha e presumia que queria conhecer a neta e que queria fazer parte da sua vida. Se lhe tivesse pedido a sua opinião, teria dito que não era boa ideia, mas Alekis não pedira a sua opinião nem o teria ouvido. Claro que, se lhe tivessem dito que voltar a criar uma ligação com o seu passado só lhe deixaria lembranças amargas que não o reconfortariam nem lhe dariam respostas, ele também não teria ouvido.

- Suponho que pudesse ter sido eu a dar o primeiro passo - acrescentou Alekis. - Estive à espera que a Mia o fizesse, mas ela nunca...

Passou o dorso da mão pelos olhos e, quando a deixou cair, Zach fingiu que não percebia que tinha as faces húmidas. A verdade era que o incomodava vê-lo emocionado e tão vulnerável. Sempre considerara que aquele homem era reservado e nada sentimental. Talvez ver-se à beira da morte tivesse esse efeito nas pessoas.

- Imagino que todos tenham alguma coisa de que se arrependem - murmurou.

- Há alguma coisa de que te arrependas? - inquiriu Alekis.

Zach arqueou as sobrancelhas e ponderou a pergunta.

- Todos cometemos erros - respondeu. Estava a lembrar-se da sua avó, com o olhar vazio, fixo na janela, da última vez que a visitara no lar. - Mas eu não cometo o mesmo erro duas vezes.

Só um idiota, ou alguém que estava apaixonado, tropeçava duas vezes na mesma pedra. E, na sua opinião, apaixonar-se tornava-o um idiota. Não conseguia imaginar-se a permitir que o seu coração, ou as suas hormonas, mandassem no seu cérebro. E não era que tivesse uma vida de celibato. O sexo era necessário e bom para a saúde, mas nunca deixava que houvesse sentimentos nas suas relações. Embora aquilo lhe tivesse dado uma reputação de «insensível», conseguia viver com isso. Pelo contrário... viver o resto da sua vida com a mesma mulher? Nem pensar!

- Eu arrependo-me de algumas coisas, mas esse arrependimento não serve para nada - replicou Alekis, num tom mais firme. - O que quero é emendar os meus erros. E é por isso que tenciono legar tudo à minha neta. Desculpa-me se pensavas que ia deixar-te a minha fortuna.

- Não preciso do teu dinheiro.

- Tu e o teu maldito orgulho... - murmurou Alekis. - Se me tivesses deixado ajudar-te, terias chegado mais depressa ao topo. Ou, pelo menos, não terias tido de te esforçar tanto.

- Isso ter-lhe-ia tirado a graça toda. Além disso, ajudaste-me. Deste-me uma educação e bons conselhos - replicou Zach.

Estava a falar num tom desenvolto, mas tinha consciência do que devia a Alekis e o velho magnata naval também.

- E isso, certamente, não tem preço, pois não? - indicou o idoso.

Zach esboçou um sorriso.

- Alegra-me ver-te bem, mas essa chantagem emocional é desnecessária - disse. - O que queres que faça?

- Que ma tragas. Vais fazê-lo?

Zach arqueou as sobrancelhas.

- Quando dizes «trazer»... imagino que não estejamos a falar de um sequestro.

- Espero que não seja necessário chegar a isso.

- Não estava a oferecer-me para o fazer - esclareceu Zach, com ironia. - Bom e como se chama?

- Katina - disse Alekis. - Só é grega de nome. Nasceu em Inglaterra. A história dela é... - Baixou o olhar, envergonhado. - Está sozinha há muito tempo. E acho que ainda pensa que não tem ninguém no mundo. Tenho intenção de a compensar por todo esse sofrimento, mas tenho medo de que seja um choque demasiado forte para...

- De certeza que vai aceitá-lo bem - tranquilizou-o Zach, reprimindo a resposta cínica que aparecera na sua mente.

Qualquer pessoa que descobrisse que ia transformar-se, da noite para o dia, numa pessoa imensamente rica, recuperaria bastante depressa.

- Quero dizer que, para ela, será uma mudança muito grande. Está prestes a tornar-se a minha herdeira e o alvo das más línguas e dos caçadores de fortunas. Temos de a proteger...

- A julgar pelo que me contaste, parece que é bastante capaz de se proteger sozinha - indicou Zach, com ironia.

- Bom, sim, é evidente que tem coragem, mas temos de lhe ensinar como as coisas funcionam no nosso mundo - continuou o idoso. - E eu estou aqui preso, portanto...

Zach, que estava a preocupar-se com o rumo daquelas palavras, apressou-se a interrompê-lo.

- Adoraria ajudar, mas parece que isso requereria uma boa parte do meu tempo.

O seu mentor deixou escapar um suspiro profundo, que fez com que Zach cerrasse os dentes, e esboçou um sorriso que era a combinação perfeita da compreensão e tristeza.

- É verdade. E tens todo o direito de te negar - murmurou, com outro suspiro. - Não me deves nada. Não